



**FOLHA ESPÍRITA
FRANCISCO CAIXETA**
ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA
OBRAS ASSISTENCIAIS FRANCISCO CAIXETA
ARAXÁ - MG

Setembro/Outubro de 2016 nº70 Ano 12

CENTRO ESPÍRITA FRANCISCO CAIXETA
BIBLIOTECA IRMÃ INEZ
BANCA DO LIVRO ESPÍRITA CHICO XAVIER

Editorial

“Bem-aventurados os que sofrem, os que choram, porque serão consolados. (...)”¹ Esta máxima de Jesus, fala bem fundo em nossos corações, nas aflições que a vida, muitas vezes, coloca em nosso caminho. Qual de nós, não sentimos o coração esfacelar, ao deixar um ente querido, muito caro, em nossas vidas, em uma sepultura? Quantas lágrimas saudosas; quantas lágrimas de arrependimento por não ter dito: “eu te amo”! Mas, Jesus em sua tamanha misericórdia nos enviou, o Espiritismo — aquele Consolador que outrora houvera nos prometido, que veio para consolar os corações que se encontram em aflição. Então, a sepultura (que dizia ser o fim), passa, então, a ser o “embarque no aeroporto”, onde alçamos voo para a verdadeira vida, que é a Pátria Espiritual. Aí, naquele momento, da despedida, do corpo que faleceu, passa a ser um até breve; logo nos encontraremos... “Seja feliz! Continue crescendo, aprendendo, desbravando os conhecimentos! Nós que aqui ficamos, estaremos em oração, para o seu fortalecimento, em nome do sentimento de amor que nos uniu e ainda continuará unindo para sempre...” Que nós possamos lembrar dos nossos amados que nos precederam na Vida Maior, com orações de bênçãos de paz, harmonia e felicidade. O corpo acabou; mas a alma sobrevive e hoje como um Espírito livre, que continua vivendo em outra dimensão, prossegue no seu progresso, rumo a evolução que somos destinados... Que Deus abençoe a todos os Espíritos encarnados e os desencarnados, que estão temporariamente, em dimensões diferentes, fortalecendo-nos na fé, na esperança e no amor que nos uniu e nos unirá sempre para o progresso moral e espiritual de cada um de nós.

¹MATEUS, V:5,6 e 10.

**PROGRAMA ESPÍRITA
ENTRE A TERRA E O CÉU**

Aos domingos, às 8h, pelas ondas da
Rádio Imbiara de Araxá, 900KHz
e pela internet

www.radioimbiara.com.br



XV SEMEAR

SEMANA ESPÍRITA DE ARAXÁ

De 13 a 20 de novembro de 2016

Teatro Municipal de Araxá (de 13 a 18/11) e
Party House (19 e 20/11)

Promoção e realização da
Aliança Municipal Espírita de Araxá

Página 2

CIENTISTA DEFENDE ESPIRITUALIDADE EM EVENTO ACADÊMICO

DR. Álvaro Avezum, um dos quatro cientistas brasileiros com produção acadêmica de maior impacto no mundo, em uma lista de 3.216 pesquisadores, classificado pela agência multinacional Thomson Reuters, defende espiritualidade no curso de medicina, na 34ª Semana Médica da USF.

Página 2

6º. ENCONTRO ESPÍRITA PARA AS CRIANÇAS NO CESAK

BRUXELAS, BÉLGICA

Dimanche 20 novembre
de 14h00 à 17h00

Les centre spirites CESAK et NEE-
CAFLA ainsi que L'Union Spirite Bel-
ge ont le plaisir de vous inviter, vos
enfants et vous

à

La 6ème rencontre spirite pour les
enfants

cesakbruxelles@gmail.com

2º CONGRESSO ESPÍRITA DE UBERLÂNDIA

JESUS

EVANGELHO E FAMÍLIA

A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MELHOR COMEÇA EM CASA

27, 28 e 29 de janeiro de 2017

VAGAS LIMITADAS Inscrições: www.radiofraternidade.com.br



VEJA NESTA EDIÇÃO

Projeto Educação, saúde e
acolhimento - p.3
Lembrando Allan Kardec - p.4

O Passamento - p.6
O dia dos mortos - p.8

CIENTISTA DEFENDE ESPIRITUALIDADE EM EVENTO ACADÊMICO

Dr. Álvaro Avezum faz conferência de abertura da 34ª Semana Médica da USF - Universidade São Francisco (Bragança Paulista - SP), abordando a espiritualidade para os acadêmicos do curso de medicina. O evento anual e tradicional da USF, neste ano foi promovido de 18 a 20 de outubro, das 08h às 20h, teve como tema central: "Prevenção Cardiovascular". O evento visa promover "a Valorização da Vida: Tempo de Estar Atento" e é realizado pelos discentes do curso de Medicina, sob orientação. "Espiritualidade dentro da graduação médica, já existe em 84% das universidades americanas como curso opcional. É fundamental que as universidades, principalmente aquelas voltadas para a graduação médica, tenham o curso optativo, pra que o acadêmico possa entender melhor como a espiritualidade se associa com o adoecimento e com a prevenção de doenças. Dessa forma, tendo o paciente como o centro da consulta e respeitando seus desejos, o profissional pode utilizar da espiritualidade como um adjuvante na prática médica".

Na sua conferência Avezum fez referência a Dra. Christina Puchalski, fundadora e diretora do Instituto George Washington de Espiritualidade e Saúde e Professora Assistente de Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade George Washington (EUA), que defende que o perdão desempenha um papel importante em cada uma de nossas vidas em níveis pessoal, relacional e social.² Dr. Álvaro afirmou, também, que segundo a Dra. Puchalski, "é evidente que o cuidado da pessoa doente envolve mais do que apenas a atenção para a dimensão física. A mente e espírito de uma pessoa são frequentemente afetados e isso pode contribuir para a manifestação de sinto-



Dr. Álvaro Avezum

mas físicos".³ Assim, uma pessoa que exerce o perdão, tem menos possibilidades de sofrer doenças cardiovasculares, afirmou o Dr. Álvaro.

"O cardiologista Álvaro Avezum Júnior, graduado em Medicina pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro em 1985, foi classificado pela agência multinacional Thomson Reuters, em documento publicado no início de 2016, um dos quatro cientistas brasileiros com produção acadêmica de maior impacto no mundo, em uma lista de 3.216 pesquisadores."⁴ O pesquisador trabalha há quase 30 anos no Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, em São Paulo, teve participação em um grande estudo internacional, o "Interheart", uma pesquisa que mapeou os fatores de risco de infarto em 52 paí-

ses."⁵ A sua produção bibliográfica é muito expressiva. Nela constam "301 artigos em revistas especializadas, 324 trabalhos em anais de eventos nacionais e internacionais, além de 30 capítulos de livros"⁶.

A relação do cientista com Uberaba, "começou antes mesmo de iniciar o curso de Medicina. Meus pais visitavam com frequência a cidade, participando das reuniões no Grupo Espírita da Prece, junto do saudoso Chico Xavier. Eu, com seis a oito anos de idade, também vinha. Tenho muita ligação com a cidade, inclusive nos dias atuais, pois uma de minhas irmãs é médica em Uberaba, permitindo que continuemos visitando a cidade. Sinto-me reabastecido e revigorado quando volto a Uberaba".⁷

¹Revista da XXXIV Semana Médica - Boletim Informativo da XXXIV Semana Médica - 2016 - Número 2 - Terça-Feira - 19 - outubro - 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B2NXJjY3EkGQ1o3cjdSVk5c28/view>

^{2,3}Disponível em <http://liasecariri.ufca.edu.br/2015/06/16/textos-puchalski/>

^{4,5,6}Disponível em: <http://www.uftm.edu.br/noticias/ler/codigo/7696>

⁷Divulga Ciência - Álvaro Avezum, um dos quatro brasileiros na lista da Thomson Reuters. Disponível em: <https://blogdivulgaciencia.wordpress.com/2015/06/15/alvaro-avezum-um-dos-quatro-brasileiros-na-lista-da-thomson-reuters/>

XV SEMEAR - SEMANA ESPÍRITA DE ARAXÁ PROGRAMAÇÃO

13/11 (Domingo) - 19h30

Palestrante: **Celso Gomes Júnior, Uberlândia/MG**

Tema: **O lar na renovação da humanidade**

Local: Teatro Municipal de Araxá

14/11 (Segunda-feira) - 19h30

Palestrante: **Emerson Pedersóli, Belo Horizonte/MG**

Tema: **Jesus na educação dos filhos**

Local: Teatro Municipal de Araxá

15/11 (Terça-feira) - 19h30

Palestrante: **Marco Antônio, Uberlândia/MG**

Tema: **A visão espírita do casamento**

Local: Teatro Municipal de Araxá

16/11 (Quarta-feira) - 19h30

Musical Família - a mais valiosa oportunidade de reajuste

Local: Teatro Municipal de Araxá

18/11 (Sexta-feira) - 19h30

Palestrante: **Quincas Veloso**

Tema: **Família e religiosidade no mundo atual**

Local: Teatro Municipal de Araxá

19/11 (Sábado) - 19h30

Peça Teatral "O Encontro" - Cia Espírita Laboro, Belo Horizonte/MG

Local: Party House (Rua Uberaba, entrada do Bairro Boa Vista)

20/11 (Domingo) - 19h30

Sarau Espírita de Araxá

Tema: **Família**

Departamento de Artes e da Infância e Juventude da AME

Local: Party House (Rua Uberaba, entrada do Bairro Boa Vista)

Promoção e realização da
Aliança Municipal Espírita de Araxá



Folha Espírita Francisco Caixeta

Editado pela
**Associação Espírita
Obras Assistenciais "Francisco Caixeta"**

Grupo Editorial

Carlos Humberto Martins
Fábio Augusto Martins
Lívia Cristina Martins

Todos colaboram gratuitamente.

Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá-MG

Impressão: Estrutural Editora e Gráfica
Tiragem: 1000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROJETO EDUCAÇÃO, SAÚDE E ACOLHIMENTO

Por Thaíssa Martins Miranda

Nos dias 14, 15 e 16 de outubro de 2016, em Pedro Leopoldo-MG, aconteceu a segunda edição do Projeto Educação, Saúde e Acolhimento (ESA), realizado pelo Departamento Acadêmico, da Associação Médico Espírita do Brasil. Com a presença de aproximadamente 60 pessoas, entre elas acadêmicos de medicina e de medicina veterinária, médicos, psicólogos, fisioterapeutas, médicos veterinários e engenheiros. O tema desse ano foi “Amor e reconciliação”, baseado no livro Boa Nova, psicografado por Chico Xavier, pelo Espírito Humberto de Campos, editado pela FEB (Federação Espírita Brasileira). Houve palestras, estudos, dinâmicas, oficinas, reflexões, meditação e visitas à casa de Chico Xavier, ao Centro Espírita Luiz Gonzaga,



Fazenda Modelo - Pedro Leopoldo/MG



**É necessário:
Ler Kardec!
Estudar Kardec!
Sentir Kardec!
Viver Kardec!**

ATIVIDADES DO CENTRO ESPÍRITA

“FRANCISCO CAIXETA”

Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá/MG

Segunda-feira às 19h30

Reunião aberta ao público
O Livro dos Espíritos/Passes

Terça-feira às 19h15

Reunião fechada ao público
Reunião mediúnica

Quarta-feira às 19h30

Reunião aberta ao público
O Evangelho Segundo o Espiritismo/
Passes

Evangelização da Criança e Mocidade
das 19h30 às 20h30

Quinta-feira às 19h15

Reunião fechada ao público
Reunião mediúnica

Sexta-feira às 19h30

Reunião aberta ao público
O Evangelho Segundo o Espiritismo/
Passes

Sábado às 18h

Estudo sistematizado da Doutrina Espírita
Evangelização da Criança - 16h30

Domingo às 18h

Reunião aberta ao público
Grupos de Estudos da Doutrina

“Salve o trabalho, viva o amor!”

Zequinha Ramos

e à fazenda Modelo.

No dia 2 de abril de 2006, foi inaugurada a casa de Chico Xavier, que foi a quarta e última casa dele em Pedro Leopoldo, Minas Gerais. Ele partiu para Uberaba no dia 5 de janeiro de 1959, mas sempre voltava a essa sua casa de Pedro Leopoldo. Atualmente, há o Culto do Evangelho todo domingo, das 18 às 19 horas, e está aberta todos os dias para visitas. Fomos recebidos lá por um amigo de Chico Xavier, Élcio, que nos apresentou a casa e nos contou casos do Chico, que presenciou. E ainda trouxe o dado de que foram 498 livros psicografados por Chico, sendo que a maioria deles estão expostos lá.

Deixo a seguir, o depoimento emocionado da nossa querida amiga Clara Corrêa Fernandes, que é acadêmica do sexto ano de medicina da UNIFESP.

“Estou voltando de um encontro com o amor. E desses encontros não se sai igual entrou. Não. Quem sente amor tem que mudar. Não que ‘tenha que’, mas o amor é assim, transforma. Ele vem às vezes devagarinho. Vem num olhar meigo, num abraço apertado, num sorriso sincero, numa comida gostosa. Vem no sotaque cantado, no r puxado, no s chiado.

Em outras vezes, o amor vem como enxurrada: Cega em Jericó, vi Jesus tocar meus olhos. E tirar minha máscara e minhas vendas. Vi-me, entretanto, cega pela claridade. Que ao penetrar todas as células do meu ser, me convidava a ver o que neguei.

Ainda estranhando o novo sentido, fui convidada a fazer uma passagem. Mas a porta, que já vinha

rondando, era estreita. Imperioso era deixar o peso que vinha carregando. Com coragem, deixei a arrogância. Ela, que por tantas encarnações foi minha companheira. Que foi a fuga para aceitar a pequenez. Deixei também o sofrimento. Aquele que a gente mesmo escolhe, por não saber amar nem a nós mesmos. Deixei ali. E me amei. Amei minhas imperfeições sem sofrer com elas, nem por elas. E cruzei a porta. Num choro emocionado, de quem se sente mais leve e ao mesmo tempo estranha a alma desnuda.

Entendi que hoje, perder era ganhar. E que o vazio que me preenchia, era pleno. ‘A paz seja convosco’, recomendou Jesus ontem no Evangelho. E ela veio comigo. Veio trazendo essa calma. Onde me perdi, tentando entender. Mas foi o coração que explicou, que o que se passa com ele, não se entende, só se aceita. Aceitei.

Sentei no ônibus. Que pegou o caminho mais longo, me apresentando os arredores de Pedro Leopoldo. Vi tudo, sem ver nada. Senti que a cidade que acolheu a Chico, acolheu também a mim. E quando o ônibus já quase chegava, Ele me deu um último presente. Ela, minha antiga amante, crescia alaranjada no céu ainda claro. Lua cheia, grande e imponente, entre as nuvens, vinha me saudar a visita e cumprimentar a renovada vida!”

Banca do Livro Espírita “Chico Xavier”

Segunda à sexta - das 9h às 17h
Sábados - das 10h às 12h
Av. Antônio Carlos s/n. Araxá/MG

NO MÊS DE OUTUBRO, LEMBRANDO ALLAN KARDEC, O CODIFICADOR DA DOCTRINA ESPÍRITA...

Por Maria José Castro Miranda - AME/Uberaba

Foi em Lyon que, a 3 de outubro de 1804, nasceu, com o nome de Hipolyte Léon Denizard Rivail, aquele que devia mais tarde ilustrar o nome de Allan Kardec. Podemos dividir sua vida em 2 épocas: 1ª. – A VIDA DO HOMEM LAICO – NÃO ESPÍRITA - Aquele registrado civilmente sob o nome de HIPPOLYTE LÉON DENIZARD RIVAIL. Inicia-se em 3 de outubro de 1804 e dura exatamente meio século: de 1804 a 1854. 2ª. A VIDA ESPÍRITA - Adota, então, um nome já usado numa existência anterior, afastada, do tempo dos Druidas, a saber: ALLAN KARDEC. Essa vida, que durou 15 anos (1855 – 1869), corresponde ao período da codificação escrita do Espiritismo.

1ª. – A VIDA DO HOMEM LAICO – NÃO ESPÍRITA — 1804 a 1854

A primeira época da vida de H.L.D. Rivail divide-se em vários períodos, os quais se referem à *formação intelectual de Allan Kardec e à sua atividade social*. Esses 50 anos (1804 a 1854) podem ser assim divididos:

I - 1814 - 1818: Aluno de Pestalozzi

II - 1818 - 1824: Estudante

III - 1824 - 1848: Pedagogo

IV - 1848 - 1854: Homem Universal

I – O ALUNO DE PESTALOZZI (1814 – 1818) – Os primeiros estudos foram feitos em Lyon. Em 1814, aos 10 anos, estava pronto para seguir para a Suíça (além de estar Paris ameaçada ou ocupada pelas forças aliadas contrárias a Napoleão, já era conhecida a fama do estabelecimento escolar de Yverdon, cuja existência já remontava a uns dez anos). Descendente de uma família protestante, Pestalozzi estudou filosofia, direito e teologia, foi jornalista e escritor, mas é no Instituto de Yverdon que ele encontrou seu verdadeiro destino, o de EDUCADOR. Apaixonado pela arte de ensinar e pela possibilidade de direcionar os jovens na investigação da verdade, Pestalozzi criou uma nova metodologia de ensino, onde aplicou teorias próprias e aprofundou, na prática, teses de Jean-Jacques Rousseau. O ensino ali era essencialmente heurístico, isto é, o aluno é conduzido a descobrir por si mesmo, tanto quanto possível. Ensina-se que “a intuição é o fundamento da instrução.” Foi nessa escola que se desenvolveram as ideias que deviam torná-lo mais tarde OBSERVADOR ATENTO e METICULOSO; PENSADOR PRUDENTE e PROFUNDO.

II – O ESTUDANTE (1818 – 1824) – Substituiu Pestalozzi durante certo tempo, pois o mestre era chamado a muitos lugares da Europa, para fundar institutos semelhantes ao de Yverdon. Naquela época, um jovem de quinze ou dezesseis anos já era bacharel. Segundo alguns biógrafos, Kardec teria estudado medicina e até mesmo sustentado tese. Porém, subsiste a dúvida. É certo que ele tinha boa cultura humanista e grande desejo de aprender. Interessava-se pelas

“humanidades”, como pelas “ciências”; entre estas, a física, a química e a geologia; a biologia também com certeza. Mas isso não autoriza dizer que estudou medicina. Estudou vários idiomas e falava corretamente o alemão, o inglês, o italiano, o espanhol e o holandês.

III – O PEDAGOGO (1824 – 1848) – Não se sabe ao certo quando H. L. D. Rivail deixou Yverdon, na Suíça e retornou à França. Em janeiro de 1823, ele já vivia em Paris. Com apenas 18 anos de idade, o jovem professor colocara em prática sua vocação para o magistério e a de tradutor de livros. Em 6 de dezembro de 1823 é lançado seu primeiro livro: “*Curso prático e teórico de aritmética*”, em dois volumes e elaborado em harmonia com o sistema pestalozziano. Procurava com essa obra, introduzir as crianças no conhecimento dessa ciência, através de uma instrução sólida e acessível, dando um sentido prático e utilitário. Publicou também numerosos livros didáticos, apresentou planos, métodos e projetos aos deputados, aos governos e às universidades, referentes à eterna Reforma do ensino francês. Era convencido de que a instrução pública é a coisa mais importante para um país. Não se cansava de tecer elogios ao mestre Pestalozzi. Durante muito tempo, seguiu os conselhos do educador de Yverdon e assinava as suas obras com menção: “aluno de Pestalozzi”. Foi diretor de instituto. Fundara em Paris um estabelecimento semelhante ao do seu mestre de Yverdon. Um dos seus tios – irmão de sua mãe – fornecera-lhe os fundos necessários. Porém, mais tarde, esse empreendimento teve um fracasso financeiro, porque seu tio financiador sofria da paixão pelo jogo, onde perdia somas cada vez maiores. Rivail teve que promover a liquidação do Instituto. No “Plano para a melhoria da Educação Pública”, que submeteu aos membros do Parlamento, em 1828, escreveu: “*Os planos apropriados para educar a juventude constituem uma ciência bem distinta, que se deveria estudar para ser professor, da mesma forma que se estuda medicina para ser médico.*” A comparação constante com uma ciência “exata” é, para ele, uma forma do rigor com que encara a ciência humanista que defende. Não chegou, infelizmente, a escrever essa obra. Era obrigado a viver no dia a dia, a esforçar-se para ganhar o pão cotidiano e, sobretudo, a empenhar-se na aplicação de suas teses pedagógicas. Mais tarde, o Espiritismo ocupou-lhe o tempo integral. Assim, lamentamos, hoje, a ausência dessa obra que teria sido um ponto alto na história da ciência pedagógica. Em 1831, publica uma *Gramática Francesa Clássica*, a qual foi premiada. Nesta época, conhece Amélie Gabrielle Boudet, que seria sua companheira e principal colaboradora, a professora de letras e belas-artes, tinha 9 anos mais que Rivail. O

casamento se deu no dia 6 de fevereiro de 1832. Colaborou com o esposo, tanto na fase de sua atividade pedagógica quanto no período espírita. Muitos outros trabalhos Rivail publicou.

IV – O HOMEM UNIVERSAL (1848 – 1854) – À força de escrever obras de aritmética, de geometria, de química, de física, de história, de literatura, etc., Rivail tinha-se tornado homem muito instruído. Nada lhe era desconhecido. Sua curiosidade baseava-se em sólido método de pesquisas. No entanto, o verdadeiro retrato de Rivail não estaria completo se não falássemos do seu aspecto de HOMEM UNIVERSAL. Embora trabalhando para a educação das crianças do seu país, não cessa de transformar-se em HOMEM SEM PÁTRIA, SEM LIGAÇÕES PARTICULARES. As ciências, o estudo das humanidades, ensinaram-lhe que o homem, para ser verdadeiramente livre, deve tomar consciência do seu UNIVERSALISMO. O espírito de tolerância, de caridade, deve ser mais forte que o de clã, de seita ou de igreja, de grupo limitado no tempo e no espaço. Por entre todas as doutrinas ou sistemas de educação universalistas, que precedem o Espiritismo, Rivail encontra afinidades com a MAÇONARIA. Entretanto, Allan Kardec renuncia a tudo quanto é FORMALISMO (aspecto cultural da iniciação maçônica.)

2ª. Etapa: A VIDA ESPÍRITA — 1855 a 1869

Em 1854, o prof. Rivail ouvira falar em MESAS GIRANTES. Sr. Fortier, magnetizador, convidou-o para assistir. Disse-lhe que giravam, falavam, respondiam perguntas. Rivail revida que só acreditaria se provarem que elas tinham cérebro e nervos. No ano seguinte, começo de 1855, encontrou-se com o Sr. Carlotti, amigo de muitos anos, que também lhe falou daqueles fenômenos, mas, Rivail desconfiava de sua exaltação. Aumentou suas dúvidas. Passado algum tempo, pelo mês de maio de 1855, Rivail vai à casa da sonâmbula Sra. Roger, em companhia do Sr. Fortier. Lá encontrou o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison, que daqueles fenômenos lhe falaram, em tom muito diverso do que pronunciara o Sr. Carlotti. O Sr. Pâtier era funcionário público, já de certa idade, muito instruído, de caráter grave, frio e calmo, sua linguagem isenta de entusiasmo, produziu em Rivail viva impressão e, quando o convidou a assistir às experiências que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, aceitou imediatamente. A reunião foi marcada para uma terça-feira de maio, às 8 horas da noite. Foi aí que, pela primeira vez, presenciou o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Começou a estudar mais atentamente os fatos. Numa das reuniões da Sra. Plainemaison travou conhecimento

“Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo.”

com a família Baudin. O Sr. Baudin convidou-o para assistir às sessões em sua casa, às quais Rivail tornou-se logo assíduo. Os médiuns eram as duas senhoritas Baudin, que escreviam numa ardósia com o auxílio de uma cesta, contendo um lápis. Ali, Rivail teve oportunidade de ver comunicações contínuas e respostas a perguntas formuladas, até mentais, que acusavam, de modo evidente, a intervenção de uma inteligência estranha. Eram geralmente frívolos os assuntos tratados. A curiosidade e o divertimento eram os móveis capitais de todos. Foi nessas reuniões que o Prof. Rivail começou os seus estudos sérios de Espiritismo. Levava uma série de questões preparadas e metodicamente dispostas. Eram sempre respondidas com precisão, profundidade e lógica. A partir de então, as sessões assumiram caráter muito diverso. Entre os assistentes contavam-se pessoas sérias. As perguntas fúteis haviam perdido, para a maioria, todo atrativo. A princípio Hippolyte cuidara apenas de instruir-se. Mais tarde, quando via que aquilo ganhava proporções de uma doutrina, teve a ideia de publicar os ensinamentos recebidos, para instrução de toda a gente. Foi nessas reuniões que ele começou os seus estudos sérios de Espiritismo, menos por meio de revelações, do que de observações. Aplicar a essa nova ciência, como fizera até então, o método EXPERIMENTAL, nunca elaborou teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos, procurava remontar às causas...

“percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida.”

Era toda uma revolução nas ideias e nas crenças... Uma noite, seu Espírito protetor, Z., (Zéfiro) deu-lhe, por um médium, uma comunicação toda pessoal, na qual lhe dizia, entre outras coisas, tê-lo conhecido em uma precedente existência, quando, ao tempo dos Druidas¹, viviam juntos nas Gálias. Ele se chamava, então, ALLAN KARDEC e, como a amizade que lhe havia votado só fazia aumentar, prometia-lhe esse Espírito secundá-lo na tarefa muito importante a que ele era chamado, e que facilmente levaria a termo. Para escrever sobre o Espiritismo, ele deveria usar o pseudônimo de ALLAN KARDEC. Vários amigos colocam à sua disposição mais de cinquenta cadernos, contendo as comunicações feitas pelos Espíritos nos últimos cinco anos. O estudo desses cadernos constituiu, para ele, o trabalho mais profundo e mais decisivo. Através deles que se convenceu da exis-

tência do mundo invisível e dos Espíritos. Continua, porém, a assistir às sessões em casa do Sr. Baudin. Agora tendo como alvo verificar se as revelações dos médiuns estão de acordo com o que os cadernos lhe revelaram. Foi obrigado a reconhecer a evidência dos fatos. Entrega-se, então, ao estudo racional e experimental do Espiritismo, estabelecendo as bases doutrinárias e científicas. Assim, a 18 de abril de 1857, foi publicado “O Livro dos Espíritos”, pedra angular do edifício. Todos os princípios da doutrina ali se encontram, desde a base até a coroa. Chamada de OBRA BÁSICA da CODIFICAÇÃO. Em 1858, funda a Revista Espírita e a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (1º Centro Espírita). Em 15 de janeiro de 1861, é lançado “O Livro dos Médiuns”; é a obra mais rigorosa e mais inexorável concernente à prática do Espiritismo. Aos 09 de outubro de 1861, às 10h30, na esplanada da cidade de Barcelona (Espanha), lugar onde são executados os criminosos condenados ao último suplício, por ordem do bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo. Foi o AUTO DE FÉ DE BARCELONA. Depois que o fogo consumiu os 300 volumes espíritas, o padre e seus ajudantes retiraram-se sob as vaias e as maldições de numerosos assistentes, que gritavam: Abaixo a Inquisição!... Em seguida, várias pessoas se aproximaram do resto da fogueira e recolheram algumas cinzas. O ano de 1862 foi um período de intensa propaganda. A pedido dos espíritas de Lion e Bordéus, Kardec parte em setembro para visitar umas 20 cidades, pronunciar discursos em 50 reuniões espíritas. Essa grande viagem de estudos foi, mais tarde, publicada em obra especial (“Viagem Espírita em 1862”), que se tornou auxiliar indispensável aos grupos espíritas, tanto no que concerne à doutrina, quanto no que diz respeito à organização e administração das sociedades espíritas. **Allan Kardec fez toda a viagem sem recorrer à caixa da Sociedade, cobrindo todas as despesas com os seus recursos.**

1864 – Neste ano, em Abril, Kardec publica “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Já faz seis anos que o Espiritismo doutrinário foi codificado. Sociedades nasceram por toda parte. Encontram-se espíritas em todas as camadas da sociedade. Mesmo nas prisões, convertem-se os criminosos, graças à grande lei moral do Espiritismo... Na Bélgica, perante as homenagens que lhe são atribuídas, Kardec repele a ideia de chefe do Espiritismo. Lembra “os designios da Providência e que o papel confiado a ele é o de instrumento obediente. É uma tarefa que aceitei com alegria e que me esforço em desempenhar dignamente, rogando a Deus que me dê as forças necessárias para cumpri-la de acordo com a sua santa vontade”. **1865** – A Doutrina continua em progresso, apesar da existência de diversos adversários que prosseguiram atacando o Espiritismo. Vários jornais surgem

neste período. Diversos grupos e sociedades se incorporam àqueles já existentes. Neste ano, Kardec publica “O Céu e o Inferno”. Nesse ano, ele não viajou, sentindo-se, talvez, fatigado. Um ano mais tarde, caiu doente e os Espíritos aconselharam-no a se poupar. É dessa época o seu famoso relatório referente à situação da caixa do Espiritismo, endereçado à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, problema que se transformou em cavalo de batalha de todos os adversários do Espiritismo e de Allan Kardec. Desse resumo, destacamos:

“... Em primeiro lugar, devo dizer que as minhas obras, já não sendo de minha exclusiva propriedade, sou obrigado a comprá-las do meu editor e a pagá-las como se eu fosse um livreiro, com exceção da Revue... Quem quer que tenha visitado outrora a minha casa e que hoje me visite poderá atestar que nada mudou em minha maneira de viver... Sempre tivemos com que viver modestamente embora; o que, para alguns, teria sido pouco, para nós bastava, graças aos nossos gostos e aos nossos costumes de economia. O nosso pequeno rendimento era suplementado pelo produto dos trabalhos publicados antes da fase do Espiritismo e pelos proventos de modesto emprego que tive de abandonar, quando os trabalhos de doutrinação absorveram toda a minha atividade.”

1867 – Apesar da sua doença, Allan Kardec trabalha febrilmente. “A Gênese” obriga-o a um labor exaustivo. Interessa-lhe o problema social do Espiritismo. Organiza coletas a favor dos desempregados e das vítimas de catástrofes ou convulsões sociais. Empenha-se em terminar a sua obra. Para dar-lhe remate final, prepara as ideias gerais que concernem à organização, à administração e ao futuro do Espiritismo. Naquele momento, a sua ideia mais cara era a de poder construir seis casinhas ajardinadas, no terreno que tinha outrora comprado, na Avenida Ségur, com superfície de 2.666 metros quadrados. Pensava poder retirar-se numa dessas casas e levar consigo, nas outras casas, alguns defensores do Espiritismo, desprovidos de recursos. **1868** – Kardec publica em janeiro, seu último grande livro: “A Gênese” – os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo. Faz um balanço de sua vida e de suas atividades. Os Espíritos lhe dão instruções sobre todos os problemas que se referem ao Espiritismo doutrinário e prático. Allan Kardec lutou contra a má-fé, a calúnia e a maldade. Mas, o que iria acontecer com o Espiritismo depois de sua desencarnação? Como o Cristianismo, a nova doutrina espalhara-se com força fulminante. Kardec, então, cogita da organização administrativa do movimento, que estava arriscado a perder-se em querelas ou erros. **1869** – E, então, na manhã de **31 de março de 1869**, o coração de Hippolyte Léon Denizard Rivail – Allan Kardec – detém-se para sempre, em

consequência da ruptura de um aneurisma, quando entregava um número da Revista Espírita a um caixeiro de livraria. Ele se curvou sobre si mesmo, sem proferir uma única palavra. Sozinho em sua casa, Kardec punha em ordem livros e papéis para a mudança que se vinha processando e que deveria terminar no dia seguinte. Foi sepultado no cemitério de Montmartre, em Paris, no dia 2 de abril de 1869. Mais tarde, um ano depois, a transladação dos despojos se deu para o dólmen do Père-Lachaise.

A viúva de Allan Kardec regressou à Pátria Maior em 21 de janeiro de 1883,

aos 89 anos de idade. Seu trabalho se estendeu pelos anos afora, até a sua desencarnação. Secundou o marido, como dedicada e fiel colaboradora.

MOREIL, André. *VIDA E OBRA DE ALLAN KARDEC*.

AUDI, Edson. *VIDA E OBRA DE ALLAN KARDEC*.

Ver na obra de Francisco Cândido Xavier: 1- "Crônicas de além-túmulo", Irmão X, cap. 21 — "O grande missionário"; 2- "Cartas e crônicas", Irmão X, cap. 7 "Consciência Espírita" (entre outras várias mensagens a respeito de Kardec).

¹Druidas eram os sacerdotes dos celtas, um povo que vivia numa vasta área da Europa Ocidental, englobando a atual França, partes da Bélgica, oeste da Alemanha, norte da Itália e indo até as ilhas britânicas. Os celtas habitavam a Gália, uns 2000 anos A.C, aproximadamente. Dominavam quase todas as áreas do conhecimento humano. Os Druidas eram pessoas encarregadas das tarefas de aconselhamento, ensino, jurídicas e filosóficas, dentro da sociedade celta... Os Druidas eram iniciados numa Escola Secreta, existente entre eles desde tempos imemoriais ("Depois da morte" Léon Denis).

O PASSAMENTO

1. A certeza da vida futura não exclui as apreensões quanto à passagem desta para a outra vida. Há muita gente que teme não a morte, em si, mas o momento da transição. Sofremos ou não nessa passagem? Por isso se inquietam, e com razão, visto que ninguém foge à lei fatal dessa transição. Podemos dispensar-nos de uma viagem neste mundo, menos essa. Ricos e pobres, devem todos fazê-la, e, por dolorosa que seja a franquia, nem posição nem fortuna poderiam suavizá-la.

2. Vendo-se a calma de alguns moribundos e as convulsões terríveis de outros, pode-se previamente julgar que as sensações experimentadas nem sempre são as mesmas. Quem poderá no entanto esclarecer-nos a tal respeito? Quem nos descreverá o fenômeno fisiológico da separação entre a alma e o corpo? Quem nos contará as impressões desse instante supremo quando a Ciência e a Religião se calam? E calam-se porque lhes falta o conhecimento das leis que regem as relações do Espírito e da matéria, parando uma nos umbrais da vida espiritual e a outra nos da vida material. O Espiritismo é o traço de união entre as duas, e só ele pode dizer-nos como se opera a transição, quer pelas noções mais positivas da natureza da alma, quer pela descrição dos que deixaram este mundo. O conhecimento do laço fluídico que une a alma ao corpo é a chave desse e de muitos outros fenômenos.

3. A insensibilidade da matéria inerte é um fato, e só a alma experimenta sensações de dor e de prazer. Durante a vida, toda a desagregação material repercute na alma, que por este motivo recebe uma impressão mais ou menos dolorosa. É a alma e não o corpo quem sofre, pois este não é mais que instrumento da dor: — aquela é o paciente. Após a morte,

separada a alma, o corpo pode ser impunemente mutilado que nada sentirá; aquela, por insulada, nada experimenta da destruição orgânica. A alma tem sensações próprias cuja fonte não reside na matéria tangível. O perispírito é o envoltório da alma e não se separa dela nem antes nem depois da morte. Ele não forma com ela mais que uma só entidade, e nem mesmo se pode conceber uma sem outro. Durante a vida o fluido perispiritico penetra o corpo em todas as suas partes e serve de veículo às sensações físicas da alma, do mesmo modo como esta, por seu intermédio, atua sobre o corpo e dirige-lhe os movimentos.

4. A extinção da vida orgânica acarreta a separação da alma em consequência do rompimento do laço fluídico que a une ao corpo, mas essa separação nunca é brusca.

O fluido perispiritual só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não mais reste um átomo do perispírito ligado a uma molécula do corpo. "A sensação dolorosa da alma, por ocasião da morte, está na razão direta da soma dos pontos de contacto existentes entre o corpo e o perispírito, e, por conseguinte, também da maior ou menor dificuldade que apresenta o rompimento." Não é preciso portanto dizer que, conforme as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. Estas circunstâncias é que nos cumpre examinar.

5. Estabeleçamos em primeiro lugar, e como princípio, os quatro seguintes casos, que podemos reputar situações extremas dentro de cujos limites há uma infinidade de variantes:

1º Se no momento em que se extingue a vida orgânica o desprendimento do perispírito fosse completo, a alma nada sentiria absolutamente.

2º Se nesse momento a coesão dos dois elementos estiver no auge de

sua força, produz-se uma espécie de ruptura que reage dolorosamente sobre a alma.

3º Se a coesão for fraca, a separação torna-se fácil e opera-se sem abalo.

4º Se após a cessação completa da vida orgânica existirem ainda numerosos pontos de contacto entre o corpo e o perispírito, a alma poderá ressentir-se dos efeitos da decomposição do corpo, até que o laço inteiramente se desfaça.

Daí resulta que o sofrimento, que acompanha a morte, está subordinado à força adesiva que une o corpo ao perispírito; que tudo o que puder atenuar essa força, e acelerar a rapidez do desprendimento, torna a passagem menos penosa; e, finalmente, que, se o desprendimento se operar sem dificuldade, a alma deixará de experimentar qualquer sentimento desagradável.

6. Na transição da vida corporal para a espiritual, produz-se ainda um outro fenômeno de importância capital — a perturbação. Nesse instante a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações. É como se disséssemos um estado de catalepsia, de modo que a alma quase nunca testemunha conscientemente o derradeiro suspiro. Dizemos quase nunca, porque há casos em que a alma pode contemplar conscientemente o desprendimento, como em breve veremos. A perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte e perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos. À proporção que se liberta, a alma encontra-se numa situação comparável à de um homem que desperta de profundo sono; as idéias são confusas, vagas, incertas; a vista apenas distingue como que através de um nevoeiro, mas pouco a pouco se aclara,

desperta-se-lhe a memória e o conhecimento de si mesma. Bem diverso é, contudo, esse despertar; calmo, para uns, acorda-lhes sensações deliciosas; tétrico, aterrador e ansioso, para outros, é qual horrendo pesadelo.

7. O último alento quase nunca é doloroso, uma vez que ordinariamente ocorre em momento de inconsciência, mas a alma sofre antes dele a desagregação da matéria, nos estertores da agonia, e, depois, as angústias da perturbação. Demo-nos presa em afirmar que esse estado não é geral, porquanto a intensidade e duração do sofrimento estão na razão direta da afinidade existente entre corpo e perispírito. Assim, quanto maior for essa afinidade, tanto mais penosos e prolongados serão os esforços da alma para desprender-se. Há pessoas nas quais a coesão é tão fraca que o desprendimento se opera por si mesmo, como que naturalmente; é como se um fruto maduro se desprendesse do seu caule, e é o caso das mortes calmas, de pacífico despertar.

8. A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, que atinge o seu máximo no homem cujas preocupações dizem respeito exclusiva e unicamente à vida e gozos materiais. Ao contrário, nas almas puras, que antecipadamente se identificam com a vida espiritual, o apego é quase nulo. E desde que a lentidão e a dificuldade do desprendimento estão na razão do grau de pureza e desmaterialização da alma, de nós somente depende o tornar fácil ou penoso, agradável ou doloroso, esse desprendimento.

Posto isto, quer como teoria, quer como resultado de observações, resta-nos examinar a influência do gênero de morte sobre as sensações da alma nos últimos transes.

9. Em se tratando de morte natural resultante da extinção das forças vitais por velhice ou doença, o desprendimento opera-se gradualmente; para o homem cuja alma se desmaterializou e cujos pensamentos se destacam das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, isto é, ao passo que o corpo ainda tem vida orgânica, já o Espírito penetra a vida espiritual, apenas ligado por elo tão frágil que se rompe com a última pancada do coração. Nesta contingência o Espíri-

to pode ter já recuperado a sua lucidez, de molde a tornar-se testemunha consciente da extinção da vida do corpo, considerando-se feliz por tê-lo deixado. Para esse a perturbação é quase nula, ou antes, não passa de ligeiro sono calmo, do qual desperta com indizível impressão de esperança e ventura.

No homem materializado e sensual, que mais viveu do corpo que do Espírito, e para o qual a vida espiritual nada significa, nem sequer lhe toca o pensamento, tudo contribui para estreitar os laços materiais, e, quando a morte se aproxima, o desprendimento, conquanto se opere gradualmente também, demanda contínuos esforços. As convulsões da agonia são indícios da luta do Espírito, que às vezes procura romper os elos resistentes, e outras se agarra ao corpo do qual uma força irresistível o arrebatava com violência, molécula por molécula.

10. Quanto menos vê o Espírito além da vida corporal, tanto mais se lhe apega, e, assim, sente que ela lhe foge e quer retê-la; em vez de se abandonar ao movimento que o empolga, resiste com todas as forças e pode mesmo prolongar a luta por dias, semanas e meses inteiros.

Certo, nesse momento o Espírito não possui toda a lucidez, visto como a perturbação de muito se antecipou à morte; mas nem por isso sofre menos, e o vácuo em que se acha, e a incerteza do que lhe sucederá, agravam-lhe as angústias. Dá-se por fim a morte, e nem por isso está tudo terminado; a perturbação continua, ele sente que vive, mas não define se material, se espiritualmente, luta, e luta ainda, até que as últimas ligações do perispírito se tenham de todo rompido. A morte pôs termo à moléstia efetiva, porém, não lhe sustou as conseqüências, e, enquanto existirem pontos de contacto do perispírito com o corpo, o Espírito resente-se e sofre com as suas impressões.

11. Quão diversa é a situação do Espírito desmaterializado, mesmo nas enfermidades mais cruéis! Sendo frágeis os laços fluídicos que o prendem ao corpo, rompem-se suavemente; depois, a confiança do futuro entrevisto em pensamento ou na realidade, como sucede algumas vezes, fá-lo encarar a morte qual redenção e as suas conseqüências como prova, advindo-lhe daí uma calma resignada, que lhe ameniza o sofrimento.

Após a morte, rotos os laços,

nem uma só reação dolorosa que o afete; o despertar é lépido, desembaraçado; por sensações únicas: o alívio, a alegria!

12. Na morte violenta as sensações não são precisamente as mesmas. Nenhuma desagregação inicial há começado previamente a separação do perispírito; a vida orgânica em plena exuberância de força é subitamente aniquilada. Nestas condições, o desprendimento só começa depois da morte e não pode completar-se rapidamente. O Espírito, colhido de improviso, fica como que aturdido e sente, e pensa, e acredita-se vivo, prolongando-se esta ilusão até que compreenda o seu estado. Este estado intermediário entre a vida corporal e a espiritual é dos mais interessantes para ser estudado, porque apresenta o espetáculo singular de um Espírito que julga material o seu corpo fluídico, experimentando ao mesmo tempo todas as sensações da vida orgânica. Há, além disso, dentro desse caso, uma série infinita de modalidades que variam segundo os conhecimentos e progressos morais do Espírito. Para aqueles cuja alma está purificada, a situação pouco dura, porque já possuem em si como que um desprendimento antecipado, cujo termo a morte mais súbita não faz senão apressar. Outros há, para os quais a situação se prolonga por anos inteiros. É uma situação essa muito freqüente até nos casos de morte comum, que nada tendo de penosa para Espíritos adiantados, se torna horrível para os atrasados. No suicida, principalmente, excede a toda expectativa. Preso ao corpo por todas as suas fibras, o perispírito faz repercutir na alma todas as sensações daquele, com sofrimentos cruciantes.

13. O estado do Espírito por ocasião da morte pode ser assim resumido: Tanto maior é o sofrimento, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito; a presteza deste desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual um sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo.

14. Para que cada qual trabalhe na sua purificação, reprima as más tendências e domine as paixões, preciso se faz que abdique das vantagens imediatas em prol do futuro, visto como, para identificar-se com a vida espiritual,

encaminhando para ela todas as aspirações e preferindo-a à vida terrena, não basta crer, mas compreender. Devemos considerar essa vida debaixo de um ponto de vista que satisfaça ao mesmo tempo à razão, à lógica, ao bom-senso e ao conceito em que temos a grandeza, a bondade e a justiça de Deus. Considerado deste ponto de vista, o Espiritismo, pela fé inabalável que proporciona, é, de quantas doutrinas filosóficas que conhecemos, a que exerce mais poderosa influência.

O espírita sério não se limita a crer, porque compreende, e compreende, porque raciocina; a vida futura é uma realidade que se desenrola incessantemente a seus olhos; uma realidade que ele toca e vê, por assim dizer, a cada passo e de modo que a dúvida não pode empolgá-lo, ou ter guarida em sua alma. A vida corporal, tão limitada, amesquinha-se diante da vida espiritual, da verdadeira vida. Que lhe importam os incidentes da jornada se ele compreende a causa e utilidade das vicissitudes humanas, quando suportadas com resignação? A alma eleva-se-lhe nas relações com o mundo visível; os laços fluidicos que o ligam à matéria enfraquecem-se, operando-se por antecipação um desprendimento parcial que facilita a passagem para a outra vida. A perturbação conseqüente à transição pouco perdura, porque, uma vez franqueado o passo, para logo se reconhece, nada estranhando, antes compreendendo, a sua nova situação.

15. Com certeza não é só o Espiritismo que nos assegura tão auspicioso resultado, nem ele tem a pretensão de ser o meio exclusivo, a garantia única de salvação para as almas. Força é confessar, porém, que pelos conhecimentos que fornece, pelos sentimentos que inspira, como pelas disposições em que coloca o Espírito, fazendo-lhe compreender a necessidade de melhorar-se, facilita enormemente a salvação. Ele dá a mais, e a cada um, os meios de auxiliar o desprendimento doutros Espíritos ao deixarem o invólucro material, abreviando-lhes a perturbação pela evocação e pela prece. Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual, provoca-se a desagregação mais rápida do fluido perispiritual; pela evocação conduzida com sabedoria e prudên-

O DIA DOS MORTOS - Médiun – Srta. Huet

Nota – Na sessão da Sociedade, de 2 de novembro, Charles Nodier, solicitado a continuar o trabalho que havia começado, responde:

“Meus caros amigos, permiti que nesta noite vos fale de um outro assunto. Na próxima vez continuarei o trabalho começado. “Hoje é uma data que nos é pessoalmente tão consagrada que chamamos vossa atenção sobre a morte e as preces reclamadas pela maioria dos que vos antecederam. Esta semana é um período de confraternização entre o Céu e a Terra, entre os vivos e os mortos. Deveis ocupar-vos de nós mais particularmente, e de vós também; porque, meditando sobre este pensamento de que em breve, para vós, como para nós, os vivos entoarão preces por vossa alma, deveis tornar-vos melhores. Conforme a maneira pela qual tiverdes vivido aqui embaixo, sereis recebidos perante Deus. O que é a vida, afinal de contas? Uma curtíssima migração do Espírito na Terra; tempo, entretanto, em que pode acumular um tesouro de graças ou se preparar para cruéis tormentos. Pensai nisso, pensai no Céu, e a vida, seja qual for a que levais, vos parecerá bem amena.

Charles Nodier

A respeito de sua comunicação, foram feitas ao Espírito as seguintes perguntas:

1ª Hoje os Espíritos são mais numerosos nos cemitérios que normalmente?
Resp. – Nesta época ficamos mais à vontade junto aos nossos despojos terrenos, porque os vossos pensamentos, as vossas preces ali estão conosco.

2ª Os Espíritos que, nesses dias, vêm aos seus túmulos, junto aos quais ninguém ora, sofrem por se verem desamparados, enquanto outros têm parentes e amigos que lhes trazem uma prova de lembrança?

Resp. – Não há pessoas piedosas que oram por todos os mortos em geral? Pois bem! essas preces alcançam o Espírito esquecido e são, para ele, o maná celeste, que tanto caía para o preguiçoso como para o homem ativo. A prece é para o conhecido, como para o desconhecido. Deus a reparte igualmente, e os Espíritos bons que delas não mais necessitam as devolvem àqueles a quem podem ser necessárias.

3ª Sabemos que a fórmula das preces é indiferente; no entanto, muitas pessoas têm necessidade de uma fórmula para fixar as idéias. Nós vos seríamos gratos se ditásseis uma a propósito. Todos nos associaremos pelo pensamento, para aplicá-la aos Espíritos que dela possam necessitar.

Resp. – Também o quero. “Deus, criador do Universo, dignai-vos ter piedade de vossas criaturas; considerai as suas fraquezas; abreviai suas provas terrenas, se estiverem acima de suas forças; compadecei-vos dos sofrimentos dos que deixaram a Terra e lhes inspirai o desejo de progredirem para o bem”.

4ª Certamente aqui há vários Espíritos aos quais podemos ser úteis. Vamos pedir que se dêem a conhecer.

Resp. – Que pedido fazeis! Ireis ser assaltados.

5ª De modo algum nos apavoramos com isso. Se não pudermos ouvir a todos, o que dissermos para um servirá para os outros.

Resp. – Pois bem! fazei o que vos ditar o coração.

Tendo sido feito um apelo, sem designação particular, a um dos Espíritos presentes, que queria comunicar-se para reclamar nossa assistência, manifestou-se o de uma personagem muito conhecida, morta há dois anos, revelando sentimentos muito diversos dos que tinha em vida, e que se estava longe de suspeitar.

Allan Kardec

Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos
Dezembro de 1860.

cia, com palavras de benevolência e conforto, combate-se o entorpecimento do Espírito, ajudando-o a reconhecer-se mais cedo, e, se é sofrendor, incute-se-lhe o arrependimento — único meio de abreviar seus sofrimentos.¹

Allan Kardec

O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina
Segundo o Espiritismo Segunda Parte -
Exemplos Capítulo 1 - O passamento

¹Os exemplos que vamos transcrever mostram-nos os Espíritos nas diferentes fases de felicidade e infelicidade da vida espiritual... (Ver 2ª Parte de *O Céu e o Inferno*).